

Aprender Inglês na escola pública: qual relação com o saber?

Aline Cajé Bernardo ¹

Resumo

Este artigo reporta-se a uma pesquisa, cujo objetivo é analisar a relação dos alunos de uma escola pública com a aprendizagem de Inglês, pautando-se no conceito de “relação com o saber” de Bernard Charlot, tendo em vista o papel desse idioma na atualidade e os problemas existentes em seu ensino na escola pública, o que tem deslocado este ensino para os cursos particulares. Buscou-se também compreender se estes alunos percebem a escola como lugar de aprendizado do idioma. Foram utilizados questionários, desenhos e entrevistas de explicitação. Os dados revelaram que a maioria deles considera importante saber a língua inglesa e relaciona o sentido desse saber à obtenção de um emprego no futuro. Eles vêem a escola como lugar legítimo do aprendizado de inglês, mas consideram seu ensino desvinculado da realidade e da aplicação prática na vida cotidiana. Utilizam pouco o inglês no dia-a-dia, mas quando o fazem é através da internet, video games e música. Por meio desta pesquisa, pudemos alcançar um melhor entendimento dos problemas concernentes ao ensino e aprendizagem de língua inglesa através da ótica dos alunos, no intuito de tentar contribuir para os debates que visem a um ensino de inglês mais eficaz.

Palavras-chave: Inglês. Relação com o Saber. Ensino/Aprendizagem.

Abstract

This paper is related to a research with the purpose of analyzing the relation of public school students with English language learning. It is based on Bernard Charlot's concept of “Relation to Knowledge” and considers the role of this language nowadays and its problems at public school teaching, which have transferred it to language institutes. We have also sought to understand whether the students notice the school as the right place to learn this language. We used questionnaires, drawings and explicitation interviews. The data showed that most of the students consider important to know the language, and that the sense of this knowledge is connected to finding a job in the future. They see school as the place to learn English, but they believe that its teaching is far from their reality and not related to the practical use in their everyday lives. They make little use of English in everyday life, and when it is done, it is by means of internet, video games and music. Through this research, we could better understand the problems in English language teaching and learning from the students' point of view, in order to contribute to the debates towards an effective English teaching.

Keywords: English. Relation to Knowledge. Learning and Teaching.

1 Mestranda em Educação na Universidade Federal de Sergipe, pós-graduada em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa, professora da Rede Pública de Aracaju, membro do Grupo de Pesquisa Educação e Contemporaneidade do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, Travessa A, 30- Lot. Sta Tereza – Aeroporto – Aracaju-SE – CEP 49037-560, (79) 3243.4348, Fax (79) 2105-6793, alinecaje@ufs.br.

INTRODUÇÃO

A língua inglesa tem ocupado um papel de destaque no cenário mundial. Idioma da divulgação do conhecimento científico, da internet e língua franca das instituições internacionais, sua difusão tem alcançado proporções inigualáveis na história das línguas.

De acordo com Berger (2005, p. 97), “[...] a maior quantidade de informação que circula hoje pela Net encontra-se em inglês”, prevalecendo como “a língua mais usada para a comunicação global” e também, como “a mais presente no mundo da tecnologia”. Alguns autores até mesmo a consideram como a “língua da globalização” (LACOSTE, 2005, p. 8; MOITA LOPES apud RAJAGOPALAN, 2005, p.153).

Este artigo é parte de uma pesquisa desenvolvida em uma escola pública de Aracaju e objetiva analisar que sentido os alunos conferem a esse idioma e que importância eles atribuem ao aprendizado dessa língua no mundo atual, pautando-se no conceito de “Relação com o Saber”, conforme teorizado por Bernard Charlot. Pretende também compreender se esses alunos percebem a escola regular como espaço de aprendizado dessa língua, visto que ela é hegemônica na escola pública municipal local e tem apresentado problemas relacionados ao seu ensino e aprendizagem. Como consequência, esse ensino tem sido deslocado para os cursos de idioma particulares, excluindo, dessa forma, aqueles alunos das camadas populares que não têm condições financeiras de arcar com tal empreendimento.

1 O CARÁTER FORMATIVO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

A inclusão de pelo menos uma disciplina de língua estrangeira no currículo escolar tem sido considerada de extrema importância no mundo atual. Ao conhecer apenas a língua materna, o indivíduo priva-se de acessar informações que estão disponíveis em outras línguas, deixando de obter em primeira mão conhecimentos compartilhados no resto do mundo que poderiam contribuir para o seu crescimento pessoal (NICHOLLS, 2001, p.16).

A este respeito Batista & Porto (2005, p.15) afirmam que o conhecimento de um outro idioma contribui para a formação integral do indivíduo, possibilitando, entre outras coisas, o acesso a novas formas de conhecimento processadas nas diversas partes do mundo. As autoras apóiam-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais para Língua Estrangeira de 5^a a 8^a séries, que afirmam ser o ensino de uma língua estrangeira um dever da escola. Esse documento acrescenta:

O distanciamento proporcionado pelo envolvimento do aluno no uso de uma língua diferente o ajuda a aumentar sua autopercepção como ser humano e cidadão. Ao entender o outro e sua alteridade, pela aprendizagem de uma língua estrangeira, ele aprende mais sobre si mesmo e sobre um mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política

e social. A aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso. (1998, p.19).

O interesse pelo aprendizado do idioma estrangeiro não é algo novo, apesar da singularidade de sua demanda atual no mundo globalizado. Compartilhamos da mesma concepção de Bernard Charlot sobre a globalização como sendo “um conjunto de redes percorridas por fluxos (de capitais, de informações, de populações)”. O mesmo autor afirma ainda que: “os lugares que não encontram uma função nessas redes articuladas são pilhados ou abandonados à própria sorte” (2005, p. 133). Acrescentamos à última afirmação que o mesmo pode acontecer com os indivíduos que não entram nessas redes, especialmente com o avanço das novas tecnologias da informação e comunicação que demandam de seus participantes o domínio de pelo menos uma língua estrangeira.

As línguas estrangeiras, desde há muito, desempenham um papel relevante na formação do homem. De acordo com Paiva:

O interesse pelas línguas estrangeiras (LE) faz-se presente ao longo do percurso da humanidade. A história demonstra que, desde as antigas civilizações até o mundo globalizado, os homens sentem necessidade de aprender outros idiomas com finalidades bélicas ou pacíficas. As línguas servem de mediadoras para ações políticas e comerciais, além de veicularem o conhecimento científico e a produção cultural. (2003, p. 54).

Atualmente, o caráter formativo de uma língua estrangeira ganha muito mais relevo, conforme salientam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira:

[...] objetiva-se restaurar o papel da Língua Estrangeira na formação educacional. A aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes de Bases e na Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarré para Minorias Étnicas e Nações (Ciemen) e pelo PEN-Club Internacional. Sendo assim, a escola não pode mais se omitir em relação a essa aprendizagem. (1998, p. 19).

Os poderes governamentais reconhecem a importância do aprendizado de uma língua estrangeira para a formação integral do cidadão, através dos documentos oficiais supracitados e especialmente pela Lei nº 9.394 de 1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Esta garante o direito, ao afirmar que “[...] na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna [...]”. A sociedade brasileira atribui valor a esse conhecimento quando as famílias com melhores condições financeiras, não satisfeitas com os resultados do ensino público, enviam seus filhos a institutos e cursos particulares de idiomas (ALMEIDA FILHO, 2005, p.7).

2 HEGEMONIA DO INGLÊS E SEU ENSINO NA ESCOLA PÚBLICA

Os autores e documentos até agora considerados neste artigo se referem às línguas estrangeiras em geral. Este trabalho, no entanto, preocupa-se especificamente com a aprendizagem da língua inglesa cuja difusão é planetária. Quer apreciemos ou não, o fato é que o inglês tem ocupado o status de língua global, pois segundo Rajagopalan:

Estima-se que perto de 1,5 bilhão de pessoas no mundo – isto é $\frac{1}{4}$ da população mundial – já possui algum conhecimento da língua inglesa e/ou se encontra em situação de lidar com ela no seu dia-a-dia. Acrescente-se a isso o fato ainda mais impressionante de que algo em torno de 80 a 90% da divulgação do conhecimento científico ocorre em inglês. Ou seja, quem se recusa a adquirir um conhecimento mínimo da língua inglesa corre o perigo de perder o bonde da história (2005, p. 149).

Em conformidade com o cenário nacional e as tendências mundiais, em Aracaju, o idioma de maior prestígio na escola regular, inclusive na rede particular, é o inglês. Quanto à rede pública, e aqui mais especificamente na esfera municipal, de acordo com informação obtida junto à Diretoria de Ensino da Secretaria Municipal de Educação, das 26 escolas de ensino fundamental (com classes da 5ª a 8ª série) existentes nesta cidade, nenhuma oferece atualmente o Francês ou Espanhol como opção de língua estrangeira. Nos institutos e escolas de idiomas particulares locais, também predomina o ensino de Inglês.

Se o ensino de uma língua estrangeira é dever da escola e se grande parte das escolas oferece exclusivamente o Inglês e ainda se, no caso dos alunos das camadas populares, a escola pública é o único lugar de aprendizado desse idioma é de se esperar que seu ensino seja eficaz e significativo para eles. Deve, então, possibilitar-lhes o acesso ao direito de “formação integral do indivíduo” a fim de que possam exercer a tão proclamada “cidadania” e utilizar o conhecimento adquirido como mecanismo de inclusão social, encontrando assim um “[...] lugar nas redes articuladas de fluxos de capitais e informações”, no atual mundo globalizado (CHARLOT, 2005, p. 133). Por ensino eficaz compartilhamos do entendimento de Berger (2005, p.11) como: “[...] aquele que capacite o aprendiz a usar a língua inglesa para se comunicar, para negociar, ou seja, para interagir em diferentes situações pessoais e comerciais”.

Alguns estudos têm mostrado que o ensino de inglês na escola regular está longe de atender a essas necessidades. Walker (2003, p. 47), diagnostica a situação do ensino de inglês na escola pública como sendo um “quadro desolador”. Batista (2003, p. 14) acrescenta: “[...] há problemas no ensino de LE, tanto em nível de ensino básico como em nível superior [...]”.

Alguns livros específicos para professores de língua inglesa apontam como causas para a ineficiência do ensino/aprendizagem de Inglês os seguintes fatores: (des)moti-

vação, recursos didáticos escassos, classes numerosas, pouca qualificação docente, utilização de metodologias inadequadas e a condição sociocultural do aluno, dentre outros. É inegável a interferência de fatores dessa ordem no processo de ensino/aprendizagem de um idioma estrangeiro, mas alguns desses livros se assemelham a manuais de técnicas de ensino, atribuindo direta ou indiretamente ao professor, através da aplicação ou não de determinadas metodologias, uma responsabilidade unilateral quanto ao sucesso ou insucesso de seus alunos. Esse discurso, presente inclusive nas capacitações para professores de língua estrangeira, coloca questões mais amplas na dependência de procedimentos metodológicos que são prescritos, a fim de supostamente motivar os alunos, apresentando dessa maneira uma visão reducionista sobre a problemática do ensino. Outros livros introduzem discussões bastante pertinentes acerca do ensino de idiomas, mas tendem a resvalar para os caminhos das metodologias².

A escassez de recursos didáticos, as condições materiais pouco favoráveis e as metodologias inapropriadas estão correlacionadas com o fracasso na aprendizagem de idiomas, mas não são determinantes pois alguns têm êxito nessa aprendizagem.

É realmente preocupante a situação do ensino/aprendizagem de inglês na escola pública, visto que a maioria dos alunos, ao final de sete anos de estudo, sequer apresenta um conhecimento elementar desse idioma. No entanto, o que nos chamou a atenção foi perceber que, apesar de todas as dificuldades para o ensino de Inglês e seu aprendizado efetivo, alguns alunos aprendem. Esta constatação, derivada de nossa prática docente, foi o que nos motivou a desenvolver uma pesquisa junto aos alunos da escola pública no intuito de compreender que relação eles estabelecem com o “saber” e o “aprender” Inglês. Como esses alunos vêem esse idioma considerado “importante” por outros, a exemplo dos adultos e da mídia? Que diferença faz, do ponto de vista do aluno, deter esse saber em sua “relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo”? Como eles vêem o papel da língua inglesa no mundo atual?

3 A RELAÇÃO COM O SABER

De acordo com Charlot, quem pesquisa sobre a relação com o saber:

Estuda relações com lugares, pessoas, objetos, conteúdos de pensamento, situações, normas relacionais, etc; na medida em que, é claro, está em jogo a questão do aprender e do saber. Analisa, então, por exemplo, relações com a escola, com os professores, com os pais, com os amigos, com a matemática, com as máquinas, com o desemprego, com o futuro etc (2000, p. 79).

2 Ver título de RIVERS, W. M.; TEMPERLEY, M. S. *A Practical Guide to the Teaching of English as a Second or Foreign Language*. New York: Oxford University Press, 1978. (Guia Prático para o Ensino de Inglês como segunda língua ou língua estrangeira, tradução do título nossa); PORTO, M. A. R. *Técnicas de Ensino e Recursos Didáticos para o Ensino de Inglês*. In: SANTANA, G. et al. *Questões de línguas estrangeiras: línguas estrangeiras em questão*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviédo Teixeira, 2005. p. 235-263 e capítulos 8 ao 13 de NICHOLLS, S. M. *Aspectos pedagógicos e metodológicos do ensino de inglês*. Maceió: EDUFAL, 2001.

O fato de o aluno obter sucesso não é algo que dependa exclusivamente do professor, pois o discente também é co-participante da “atividade intelectual” e deve “mobilizar-se”. Charlot prefere utilizar o termo “mobilização” ao invés de “motivação”. Para ele “[...] a mobilização é um movimento interno do aluno, é a dinâmica interna do aluno que, evidentemente, se articula com o problema do desejo” (2005, p. 19).

Ainda a esse respeito, ele afirma:

[...] Uma aprendizagem só é possível se for imbuída do desejo (consciente ou inconsciente) e se houver um envolvimento daquele que aprende. Em outras palavras: só se pode ensinar a alguém que aceita aprender, ou seja, que aceita investir-se intelectualmente. O professor não produz o saber no aluno, ele realiza alguma coisa (uma aula, a aplicação de um dispositivo de aprendizagem, etc) para que o próprio aluno faça o que é essencial, o trabalho intelectual. (2005, p.76)

Ele acrescenta ainda que “[...] o conceito de relação com o saber implica o de desejo”, ou seja, o de um sujeito que deseja se apropriar desse saber. Não um desejo sinônimo de “pulsão”, mas “o desejo do outro, do mundo, de si próprio”. Para ele, esse desejo “advém quando o sujeito experimentou o prazer de aprender e saber”. O sujeito é definido por ele como sendo “relação com o saber” e também como “um ser vivo engajado em uma dinâmica do desejo” e que “sua relação com o saber coloca em jogo a questão do valor do que ele aprende” (2000, p. 81-82).

4 METODOLOGIA

Participaram da pesquisa 105 (cento e cinco) alunos e alunas do ensino fundamental do turno vespertino de uma escola pública, sendo 65 (sessenta e cinco) da 5ª série e 40 da 8ª série, num total de quatro turmas. A faixa etária com o maior número de participantes está compreendida entre 11 e 15 anos. As quintas séries foram escolhidas por se tratar de um momento em que a maioria dos alunos da escola pública está estudando Inglês pela primeira vez e experimentando a “fase da novidade”. Já a oitava série é um período de transição entre o ensino fundamental e o médio, quando o Inglês não é mais novidade para eles. A escola fica localizada em Aracaju e atende às classes populares, sendo que um número considerável de alunos trabalha para ajudar na renda familiar.

Para a coleta de dados, num primeiro momento foram utilizados questionários com perguntas do tipo: 1) Você gosta de estudar Inglês? 2) Está contente por estudar Inglês ou gostaria de estudar outra língua estrangeira? 3) Considera importante aprender Inglês? Poderia explicar por quê? 4) Utiliza o Inglês no seu dia-a-dia? De que forma?

Num segundo momento, foi solicitado aos alunos que fizessem desenhos que representassem a aula de Inglês, para tentar analisar o que jaz sob o discurso deles.

Por fim, foram feitas “entrevistas de explicitação” (VERMERSCH, 1994). Tais entrevistas foram conduzidas pela pesquisadora e utilizadas como complementação aos questionamentos ou dúvidas que surgiram quanto aos desenhos elaborados. Nessa etapa, os alunos puderam explicitar determinados aspectos de suas produções. Essas entrevistas eram semi-estruturadas e foram realizadas apenas com os alunos que demonstraram extremo gosto ou aversão pelo inglês e com aqueles cujos desenhos aparentemente não estavam diretamente relacionados com a aula de inglês. Duraram em média vinte minutos cada e transcorreram durante uma semana. As perguntas norteadoras foram: 1) Poderia explicar o que tinha em mente quando fez esse desenho para referir-se a aula de inglês? 2) Como gostaria que fosse a aula de inglês? 3) Considera necessário estudar inglês? Por quê? 4) O que acha mais interessante no inglês? Por quê? 5) O que acha mais desinteressante? Por quê?

5 RESULTADOS

Os dados mostraram que 88% dos alunos da quinta série afirmaram gostar de inglês, demonstrando mais interesse na aprendizagem do idioma, devido ao fator “novidade”. Já na oitava série, observamos esse interesse cair para 58%, devido à ausência do mesmo fator. Isto pôde ser confirmado por meio dos desenhos produzidos. Alguns desses desenhos denominamos de “verbalizados”, porque neles os alunos da oitava série acrescentavam palavras como: “chaticice” e “enjôo” ao referirem-se às aulas de Inglês.

Quando perguntados se estavam contentes com o Inglês ou preferiam estudar outro idioma, caso lhes fosse concedida a possibilidade de escolher, a maioria optou pelo inglês (60% na 5ª e 65% na 8ª série).

Sobre se consideravam a aprendizagem de inglês importante, a maioria respondeu afirmativamente. Os índices da tabela 01 apontam 92% para os alunos da quinta e 98% para os da oitava. Na oitava série, 60% dos alunos relacionaram essa importância à obtenção de um emprego no futuro, revelando que o trabalho é a grande preocupação da maioria dos alunos desta série, assim como da maioria dos jovens no Estado de Sergipe, conforme pesquisa realizada por Charlot (2006). Já na quinta série, houve um empate de 25% para as questões de emprego e viagens.

Apesar das dificuldades por que passam devido à sua condição financeira, 25% dos alunos da quinta série se mostram otimistas quanto ao futuro e alimentam expectativas positivas, incluindo viagens turísticas a países estrangeiros. Alguns afirmaram: “É importante porque quando eu viajar para um país estrangeiro já sei falar”. Eles dizem isso com muita naturalidade, parecendo que já estão com passagem comprada para o exterior. Isso é bastante relevante porque apesar de serem crianças pobres, que não têm condições econômicas no presente para empreender tais viagens, acreditam

que seus sonhos para o futuro vão certamente se realizar.

TABELA 01 – IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA À APRENDIZAGEM DE INGLÊS

Descritivo	Sim	Emprego	Viagem	Conhecimento	Outros	Não	Não responderam
Alunos da 5ª série	92%	25%	25%	12%	23%	3%	2%
Alunos da 8ª série	98%	60%	13%	10%	10%	3%	5%

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

A relação entre inglês e conhecimento foi pouco mencionada por esses jovens. De acordo com a tabela acima, apenas 12% dos estudantes da quinta série e 10% dos da oitava referiram-se à obtenção de novos conhecimentos por meio do inglês. Notamos em suas respostas a respeito da aprendizagem da língua inglesa, o desejo de vinculação desse ensino com a aplicação mais prática na vida atual e futura, relacionando-o à obtenção de emprego e melhores condições de vida.

Uma das perguntas do questionário inquiria sobre a utilização da língua inglesa na vida diária, numa tentativa de entrar na lógica dos alunos sobre se havia alguma correlação entre o fator “disciplina distante da realidade deles” e o sentido que eles atribuíam a essa aprendizagem.

TABELA 02 - USO DE INGLÊS NO DIA-A-DIA

Descritivo	Música	Filme	Internet	Video Games	Outros	Falando	Não usa
Alunos da 5ª	26%	2%	15%	11%	8%	15%	37%
Alunos da 8ª	38%	8%	13%	5%	15%	8%	43%
Total de alunos	30%	4%	14%	9%	10%	12%	39%

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

A tabela 02 mostra que 37% dos alunos da quinta e 43% dos da oitava série não utilizam inglês no dia-a-dia.

A música e a internet são os elementos motivadores mais citados em ambas as séries nesta utilização. Mostrando-se sintonizados com os avanços tecnológicos, alguns alunos utilizam inglês no computador com video games e internet. Foi-nos relatado nas entrevistas de explicitação que, com a proliferação de lan houses nas imediações da escola, alguns deixavam de entrar na escola para assistir aula e permaneciam nesses estabelecimentos jogando.

Os índices mostram que 39% dos alunos não se percebem utilizando o inglês na vida cotidiana. Notamos também um percentual baixo de utilização do inglês nas interações comunicativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões que nortearam esta pesquisa pretenderam compreender qual a relação com o saber dos alunos de uma escola pública na aprendizagem de língua inglesa, visto que, apesar das dificuldades encontradas no âmbito da escola regular, alguns obtêm sucesso. Para tanto, pautamo-nos na teoria de Bernard Charlot, no intuito de lançarmos um novo olhar sobre os problemas do ensino/aprendizagem de inglês, pois este autor considera que: “O professor não produz o saber no aluno, ele realiza alguma coisa (uma aula, a aplicação de um dispositivo de aprendizagem, etc) para que o próprio aluno faça o que é essencial, o trabalho intelectual” (CHARLOT, 2005, p.76). Reconhecemos que as condições muitas vezes desfavoráveis encontradas na escola regular podem interferir no trabalho intelectual do aluno e, por conseguinte, no êxito de sua aprendizagem, mas não o determinam. Tentamos, dessa forma, sair um pouco do lugar comum existente em alguns livros teóricos dessa área, que enfatizam repetidas vezes como fatores impeditivos do êxito como os recursos, os métodos e os já tão pressionados professores³. Foi possível considerar o ponto de vista dos próprios alunos, seu papel de sujeitos co-participantes em sua própria aprendizagem.

Pudemos observar que a maioria deles gosta e acha importante aprender a língua inglesa, embora considere seu ensino desvinculado da sua realidade e da aplicação prática na vida cotidiana. A escola é vista pela maioria deles como o lugar de aprendizagem desse idioma, diferentemente do que qualquer análise apressada poderia supor. Essa crença na função da escola regular como lugar legítimo do aprendizado da língua estrangeira é um fator importante e estimulador da busca de soluções para o enfrentamento dos problemas relativos a esse ensino.

Eles não utilizam muito o inglês no dia-a-dia, mas quando o fazem recorrem à música, à internet e a video games. Essa inclinação para o uso da internet poderia constituir-se em terreno fértil para um redirecionamento das metodologias de ensino de inglês, funcionando como elemento mobilizador da atividade intelectual dos alunos. Os atuais laboratórios de informática de algumas escolas públicas não oferecem condições para o desenvolvimento de atividades que realmente possam relacionar o ensino de inglês com a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação. Algo precisa ser feito a esse respeito para que esses saberes possam funcionar como ferramenta de inclusão social.

O sentido atribuído à aprendizagem dessa língua está vinculado à perspectiva de um futuro melhor. Notou-se a consciência da necessidade de aprender, mas pouco empenho em prol disso. Eles têm muitos sonhos e o fato de serem provenientes

3 Nicholls (2001, p. 17,18) desenvolve uma discussão bastante apropriada sobre os problemas do ensino de inglês no Brasil, sendo uma dentre os poucos autores a tratar do assunto “falta de livro didático” nas escolas públicas. Porém, com respeito ao discente afirma: [...] para que possa **enxergar melhor** o seu papel como professor, para que possa se conscientizar da importância de sua **missão** como professor dessa disciplina, **adotando** atitudes, **valores e crenças condizentes** com a realidade do mundo em que ele e seus alunos estão inseridos” (Grifo nosso)

das camadas populares não os impede de sonhar. Sua condição social também não é um impeditivo para a aprendizagem de Inglês. Falaram com muita naturalidade que estão aprendendo inglês porque, em caso de viagem para o exterior, já saberão falar, ou que precisam disso para ter um emprego digno no futuro. Sintonizados com as inovações tecnológicas, compreendem que esse idioma pode fazer diferença na luta por um emprego.

O conhecimento do idioma pelo saber em si ou como forma de obtenção de outros conhecimentos foi minimamente citado. Muitos desses alunos, de maneira semelhante a tantos outros estudantes brasileiros, não possuem as condições básicas para uma vida digna. São filhos de assalariados, de trabalhadores informais e até mesmo de desempregados e têm que trabalhar desde já para ajudar na renda da família. Na sua maioria, não demonstraram preocupação com o saber propriamente dito, nem com os conhecimentos resultantes da “aventura comum da humanidade” (CHARLOT, 2005, p. 84-85).

Quanto aos desenhos produzidos pelos alunos entrevistados, a maioria tinha como figuras recorrentes: a professora, o verbo to be posto no centro de um quadro e a apostila de inglês (não recebem o livro gratuitamente). Por enquanto, estes dados estão restritos aos alunos de uma escola pública. Posteriormente, teremos subsídios para uma análise mais acurada sobre a relação dos alunos com o aprendizado de Inglês, com a ampliação da pesquisa para o âmbito das escolas da rede particular. Tudo isso com a finalidade de ao compararmos as diferentes visões dos alunos, tentarmos contribuir para as pesquisas e debates sobre o ensino de língua estrangeira e, talvez, tornar a aprendizagem desse idioma mais significativa para eles.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J.C. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- BATISTA, M. L. W. **O olhar do egresso**: Uma avaliação da habilitação Português/Inglês no período de 1995 a 2000. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2003.
- BATISTA, M. L. W.; PORTO, M. A. R. Um breve histórico do ensino de línguas no Brasil. In: SANTANA, G. et al. **Questões de línguas estrangeiras**: línguas estrangeiras em questão. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005. p. 15-33.
- BERGER, M. A. F. **O papel da língua inglesa no contexto de globalização da economia e as implicações do uso de NTICs no processo de ensino aprendizagem desse idioma**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2005.
- BERNARDO, A. C. **A relação com o saber de alunos do ensino fundamental na aprendizagem da língua inglesa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Faculdade de Educação São Luís, Jaboticabal, SP, 2006.

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Lei 9.394 de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Tradução de: Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- _____. **Juventudes Sergipanas**. Relatório de Pesquisa à Secretaria de Estado do Combate à Pobreza e Assistência Social, Governo do Estado de Sergipe, por conta da UNESCO. Brasília: UNESCO e Aracaju: J. Andrade, 2006.
- CHARLOT, B. (Org.). **Os jovens e o saber**: Perspectivas Mundiais. Tradução de: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação de hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- LACOSTE, Y. (Org.); RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica do Inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- NICHOLLS, S. M. **Aspectos pedagógicos e metodológicos do ensino de inglês**. Maceió: EDUFAL, 2001.
- PAIVA, V. L. M. de O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C. M. T. e CUNHA, M. J. C. **História do ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**: Caminhos e colheitas. Brasília: EDUnB, 2003. p. 53-84.
- RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: Por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Y. (Org.). RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica do Inglês**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 135-159.
- RIVERS, W. M.; TEMPERLEY, M. S. **A Practical Guide to the Teaching of English as a Second or Foreign Language**. New York: Oxford University Press, 1978.
- VERMERSCH, P. **L' entretien d'explicitation**: en formation initiale et en formation continue. Paris: ESF, 1994.
- WALKER, S. Uma visão geral do ensino de inglês no Brasil. In: STEVENS, C. M. T. e CUNHA, M. J. C. **História do ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**: caminhos e colheitas. Brasília: EdUnB, 2003. p. 35-52.

QUESTIONÁRIO

APELIDO:..... **SÉRIE:** **TURMA:**.....

- 1) Considera importante aprender Inglês? Poderia explicar por quê?
- 2) Você utiliza o Inglês no seu dia-a-dia?
- 3) Se você utiliza o Inglês em sua vida fora da escola, marque um **X** em uma ou mais opções abaixo:
 no trabalho
 falando com turistas estrangeiros
 lendo livros e revistas
 lendo e ouvindo músicas internacionais
 na Internet
 com *video games*
 nunca utilizo
- 4) Você gosta mais das músicas nacionais ou estrangeiras?
- 5) Você gosta mais de filmes nacionais ou estrangeiros?
- 6) Você já estudou inglês antes da 5ª série? Onde? Como foi sua experiência?
- 7) Você gosta de estudar Inglês? Por quê?
- 8) Você acha que se aprende inglês na escola ou em “cursinhos de idiomas”?
- 09) Se você tivesse que escolher, estudaria Inglês ou outro idioma? Se outro, qual?
- 10) Quando eu digo a palavra “Inglês”, o que vem em sua mente?

Recebimento em:	13/09/2007
Aceite em:	03/03/2008